

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

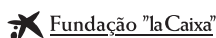
Tito Ceccherini direção musical  
Raúl da Costa piano

03 fev 2024 · 18:00 Sala Suggia



casa da música


MECENAS CASA DA MÚSICA





Entrevista à compositora Ângela da Ponte.

APOIO

 ernst von siemens  
music foundation

---

1ª PARTE

## Ângela da Ponte

*La Mer Soulevée*, para orquestra (2011, rev.2016; c.11min)

## Sergei Prokofieff

Concerto para piano n.º 1, em Ré bemol maior (1911–12; c.15min)

1. Allegro brioso — Animato —
2. Andante assai — Tranquillo, decrescendo e ritardando —
3. Allegro scherzando — Cadenza — Poco più sostenuto — Animato

---

2ª PARTE

## Unsuk Chin

*SPIRA*, concerto para orquestra\* (2019; c.19min)

## John Adams

*The Chairman Dances*, foxtrot para orquestra (1985; c.12min)

\*Estreia em Portugal.

## Ângela da Ponte

PONTA DELGADA, 1984

Ângela da Ponte é compositora, professora e investigadora, natural dos Açores e residente no Porto. Recebe encomendas e é interpretada por prestigiados ensembles, solistas e orquestras, incluindo o Quarteto Smirnov (Academia de Música da Basileia), Remix Ensemble Casa da Música, Sinfónica de Oregon (EUA), Vertixe Sonora (Espanha) e Ensemble New Babylon (Alemanha). O reconhecimento pelo seu trabalho tem dado origem a apresentações e estreias em vários festivais, tais como o Visiones Sonoras 2016 (México), Audiokineza (Polónia), Kulturfabrik — 33,7 (Luxemburgo) e Música Viva 2022 (Portugal), e a importantes distinções — a nomeação como Jovem Compositora em Residência 2011 na Casa da Música, a representação de Portugal no 67.º International Rostrum of Composers (Sérvia), o Prémio Ibermúsicas 2022 (categoria de composição e estreias) e obra escolhida do ISCM World Music Days 2023 na África do Sul.

### *La Mer Souleveé, para orquestra\**

O mar sempre serviu de inspiração a muitos poetas e compositores, que ao longo da história souberam descrever/recriar, de várias formas, a sua beleza, força e misticismo. Símbolo da vida, esta obra pretende ser uma homenagem ao mar do Atlântico que banha o arquipélago açoriano. A sua estrutura e *lírica* foram baseadas num poema de Antero de Quental:

“Idílio”

*Quando nós vamos ambos, de mãos dadas,  
Colher nos vales lírios e boninas,  
E galgamos dum fôlego as colinas  
Dos rocios da noite inda orvalhadas;*

*Ou, vendo o mar das ermas cumeadas  
Contemplamos as nuvens vespertinas,  
Que parecem fantásticas ruínas  
Ao longo, no horizonte, amontoadas:*

*Quantas vezes, de súbito, emudeces!  
Não sei que luz no teu olhar flutua;  
Sinto tremer-te a mão e empalideces*

*O vento e o mar murmuram orações,  
E a poesia das coisas se insinua  
Lenta e amorosa em nossos corações.*

ÂNGELA DA PONTE, 2011

---

\* Encomenda Casa da Música.

A partitura da obra é editada pela Scherzo Editions.

## Sergei Prokofieff

SONTSOVKA, 1891 – MOSCOVO, 1953

### Concerto para piano n.º 1, em Ré bemol maior

O Concerto para piano n.º 1 de Serguei Prokofieff começa com um tema radiante e otimista, com uma sonoridade cheia em que o piano toca uma melodia declamatória em oitavas juntamente com os violinos (e ocasionalmente outros instrumentos). A exuberância do tema dá-lhe uma qualidade algo romântica, próxima de outras passagens grandiloquentes de Tchaikovski ou Rachmaninoff. Mas logo de seguida a música entra numa atmosfera totalmente contrastante: sem qualquer preparação, começa um novo tema, de carácter rítmico e brincalhão, atlético e circense, fazendo soar o piano quase como um instrumento de percussão. Depois de uns dois minutos neste ambiente, surge um novo tema, igualmente contrastante. Com uma introdução orquestral, sem piano, e pela primeira vez em modo menor, a música torna-se de repente lúgubre, sombria.

Prokofieff tinha apenas 21 anos quando terminou a composição desta obra (e 19 quando a começou), mas este início é já bem revelador de vários traços do seu estilo. No segundo tema, por exemplo, encontramos um exemplar do lado rítmico e percussivo que é tão característico não só da música que compôs, mas também da forma como tocava piano: ele era conhecido por tocar de forma muito enérgica, precisa e até “metálica”, em contraste com o estilo mais delicado da tradição pianística de Chopin. Esse lado rítmico e atlético (quase desportivo) é talvez a dimensão mais modernista e até antirromântica da sua música, e certamente um dos aspetos que o levou a ser visto, nos anos iniciais da sua carreira, como

um rebelde, um provocador, um *enfant terrible*. Mas o início do Concerto para piano n.º 1 revela também Prokofieff como um compositor de contrastes e um grande criador de temas. Se outros autores, como Beethoven e Brahms, são mestres em construir uma narrativa contínua e orgânica a partir de pequenas células musicais constantemente desenvolvidas (pense-se no motivo inicial da *Quinta Sinfonia* de Beethoven), em Prokofieff ouvimos mais uma sucessão de temas e melodias contrastantes, cada um completo e com a sua personalidade. Nisso aproxima-se de outros compositores russos, como Mussorgski e Stravinski.

Os contrastes estilísticos que ouvimos dentro do Concerto n.º 1 são também o resultado de diferentes influências que Prokofieff foi recebendo durante os seus anos de formação. Em 1904, quando tinha 13 anos, dirigiu-se com a sua mãe para São Petersburgo, com o objetivo de estudar no Conservatório dessa cidade. Ao longo dos anos seguintes, aprendeu composição com Anatoli Liadov e Rimski-Korsakoff, piano com Alexander Winkler e Anna Esipova, e direção com Nikolai Tcherepnin (a quem a obra que hoje ouvimos é dedicada). Se o ambiente do Conservatório era relativamente conservador, a partir de 1908 Prokofieff começou a frequentar os Serões de Música Contemporânea, onde pôde contactar com as expressões mais vanguardistas da época. Aí conheceu as criações de Scriabin e Debussy; aí se encontrou com Stravinski; aí foi convidado para tocar Schoenberg; e aí estreou, com grande sucesso, várias das suas obras. De algum modo, a sua música resulta de uma assimilação muito pessoal dessas diferentes referências no seu percurso formativo em São Petersburgo.

O Concerto para piano n.º 1 foi escrito enquanto Prokofieff era ainda aluno no Conservatório. Os primeiros esboços são de 1910,

mas o grosso da composição desenrolou-se entre 1911 e o início de 1912. A estreia da obra teve lugar em Moscovo, no dia 7 de agosto de 1912, com o compositor ao piano e Konstantin Saradzhev à frente da orquestra. Essa foi a sua primeira atuação com orquestra, tendo passado o verão todo a preparar-se para tocar uma peça que ele próprio considerava difícil. As reações à obra foram díspares, uns críticos elogiando-a, outros criticando-a por não conter nada senão “ruído e cacofonia”, mas em todo o caso a estreia foi crucial para aumentar a notoriedade pública do compositor. Mais tarde, em 1914, mesmo no final dos seus estudos no Conservatório, Prokofieff decidiu levar o seu Concerto para uma competição de piano — o Prémio Rubinstein — em vez de escolher, conforme seria mais convencional, uma obra do repertório. Valeu a pena o risco dessa decisão: venceu o concurso!

O Concerto n.º 1 divide-se em três andamentos bastante concisos que, ao contrário do habitual, devem ser tocados de forma contínua, sem interrupção. Equilibrando a multiplicidade já referida de temas, há um — o primeiro — que aparece por três vezes, duas no primeiro andamento e uma no terceiro, ajudando a conferir unidade à obra no seu todo.

DANIEL MOREIRA, 2024

# Unsuik Chin

SEUL, 1961

## **SPIRA, concerto para orquestra**

Entre as instituições ligadas à música com as quais trabalhei com frequência, a relação de uma década com a Filarmónica de Los Angeles está entre as mais estimulantes. Estas experiências maravilhosas inspiraram-me a compor *SPIRA*, um concerto para orquestra. O que me fascina neste “género” camaleónico é não só o facto de desafiar os músicos para picos de virtuosismo, mas especialmente a possibilidade de extrair da orquestra sinfónica texturas, sonoridades e formas sem precedentes. A orquestra pode ser apresentada como uma só entidade ou em várias combinações de grupos de câmara, e também pode ser destacada uma certa secção ou até músicos individuais enquanto solistas.

Outra grande influência foi o processo biológico de crescimento e metamorfose, com material complexo evoluindo de simples motivos embrionários para formas inesperadas. *SPIRA*, o título da peça, deriva do conceito de curva espiral autossimilar (também designada por “espiral do crescimento”), que foi apelidada de *Spira mirabilis* (“a espiral miraculosa”) pelo matemático do século XVII Jacob Bernoulli. Neste caso, a ressonância do vibrafone constitui a unidade primordial sonora, evocando múltiplas cores e texturas intrincadas, como se tivesse sido aumentada com o microscópio para pesquisar a vida interior do som, ao nível molecular, e desvendar estruturas antes invisíveis.

Dois vibrafones são colocados separados no espaço, cada um com mais um músico responsável por controlar e regular a ressonância do instrumento do zero ao máximo. A

ressonância dos dois vibrafones percorre toda a obra como uma espécie de “halo”, mas varia constantemente nos detalhes, o que resulta em interferências complexas e mudanças nos padrões rítmicos. A certa altura, este conceito é assumido pela secção de cordas de um modo amplificado, flutuando entre a harmonia consonante e *clusters* tonais extremos. Esta ideia simples constitui a base da obra, cuja estrutura cresce do conflito e interação entre a unidade primordial subjacente e as reações de outros grupos de instrumentos, com a música a mudar constantemente em termos de densidade, cor, carácter e ritmo, deslocando-se entre caos e ordem, atividade e repouso. A obra pode ser entendida de uma multitude de formas de diferentes ângulos: embora possa parecer volátil ao nível dos detalhes, é altamente direcionada para objetivos e linear em termos da grande estrutura.

UNSUUK CHIN, 2019

Tradução: Isabel Correia de Castro

## John Adams

WORCESTER (MASSACHUSETTS), 1947

### ***The Chairman Dances,* foxtrot para orquestra**

Esta obra está intimamente relacionada com *Nixon in China*, a primeira ópera de John Adams, escrita entre 1985 e 1987. Com efeito, *The Chairman Dances* é composto numa altura em que o compositor norte-americano estava prestes a iniciar o trabalho na ópera, com temática centrada na célebre visita de Richard Nixon à China de Mao Tsé-Tung, em 1975.

Permitindo simultaneamente responder a uma encomenda longamente adiada para a Orquestra Sinfónica de Milwaukee, a composição deste *The Chairman Dances*, em 1985, funcionou como um verdadeiro “aquecimento” para a escrita da ópera. A obra assume-se como uma espécie de poema sinfónico, construído a partir de uma passagem do Terceiro Ato da futura ópera (cujo libreto já estava delineado). Nessa passagem, Chiang Ch'ing, esposa de Mao, infiltra-se num banquete presidencial e interrompe o seu formalismo protocolar. Convida então a orquestra a tocar, começando a dançar sozinha e incitando Mao (que se encontra presente num retrato) a descer à bizarra realidade, dançando com ela um *foxtrot* ao som do gramofone. Assim regressam, temporariamente, à sua juventude, em que Chiang Ch'ing fora uma importante atriz de cinema.

Adams recria esta atmosfera imaginária através de uma música jovial, de grande energia e vitalidade. A música pretende também (dado o passado de Chiang Ch'ing) parodiar a música chinesa de filme dos anos 30, com um estilo que evoca, muitas vezes, a música de Hollywood da época. Essa alusão

cinematográfica é especialmente visível na secção central da obra, de carácter romântico, aliado a uma orquestração luxuosa e ritmicamente marcada pela atmosfera de *foxtrot*.

Na verdade, poderíamos designar essa parte de B, num todo que obedece, *grosso modo*, ao esquema A-B-A. A primeira parte (A) é mais enérgica, com grande vitalidade rítmica, numa pulsação constante, articulada por vários motivos repetidos num tecido orquestral extremamente rico e em lento crescimento. Surge então, algo inesperadamente, o *foxtrot* romântico de B, com um carácter mais melódico e a introdução de novos elementos (incluindo figuras melódicas muito rápidas nas madeiras e, depois, nas cordas). Com o último A, regressa o carácter e harmonia iniciais, mas com um novo destaque à melodia, assim retomando também elementos de B.

Mais tarde, Adams não utilizou a música de *The Chairman Dances* diretamente na ópera, mas aproveitou alguns dos temas para a respetiva passagem do Terceiro Ato.

DANIEL MOREIRA, 2011



## Tito Ceccherini direção musical

Tito Ceccherini conquistou um lugar de destaque especialmente pelas interpretações de obras do século XX, bem como de repertório contemporâneo. Combina com competência o foco nos detalhes com o entendimento da estrutura alargada da peça — exemplo disso foi a muito aclamada direção de *Da Casa dos Mortos* de Janáček.

Na temporada 2023/24, o maestro italiano regressa à Orquestra da Toscânia e vai dirigir a estreia mundial de um Concerto para piano de Federico Gardella, obras de Sibelius e Nielsen com a Filarmónica Estatal Alemã de Rheinland-Pfalz, em Rockenhausen e Mannheim. Composições de Filidei e Sibelius estão incluídas no programa de um concerto com a Orchestra dell'Opera Carlo Felice em Génova, e dirige uma nova ópera de Lucia Ronchetti, com a Sinfónica SWR, no Festival Schwetzingen SWR. É convidado do Remix Ensemble e da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

No domínio operático, celebrou com grande sucesso a nova produção de Jenske Mijnsen de *Diálogos das Carmelitas* na Ópera de Zurique, na primavera de 2022, depois de um primeiro convite para a sala de espetáculos, em 2019, altura em que dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti. No Teatro da Basileia, conduziu a interpretação de *La Traviata* de Verdi (encenada por Benedikt von Peter) em 2022, e esteve no ano seguinte na Ópera Estatal de Estugarda para *Katia Kabanová* de Janáček (encenação de Jossi Wieler/Sergio Morabito). Desde 2009, trabalha regularmente com o Teatro La Fenice em Veneza, onde dirigiu obras como *Dido e Eneias* de Purcell (2020), *Luci mie traditrici* de Sciarrino (2019), *Riccardo III* de Battistelli (2018, encenação de Robert Carsen, vencedor do Prémio da Crítica Franco), *Gefalo e Pocrí* de

Krenek (2017) e *La porta della legge* de Sciarrino. É também presença regular na Ópera de Frankfurt (*I puritani* de Bellini, 2018; *Aus einem Totenhaus* de Janáček, 2018; e *The Rake's Progress* de Stravinski, 2017), no Teatro do Capitólio de Toulouse (*O Rapto do Serralho* de Mozart, 2017; *Béatrice et Bénédicte* de Berlioz, 2016; *O Prisioneiro* de Dallapiccola/*O Castelo do Barba Azul* de Bartók, 2015, encenação de Aurélien Bory). Na sequência da sensacional estreia mundial de *Da gelo a gelo* de Sciarrino no Festival Schwetzingen, em 2006, dirigiu várias estreias, incluindo *Inferno* de Lucia Ronchetti (2021), na Ópera de Frankfurt.

Ceccherini apresenta-se frequentemente com grandes orquestras como a Philharmonia, a Filarmónica de Tóquio, a Filarmonica della Scala, a Orchestra del Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra Estable del Teatro Colón, a Sinfónica da BBC, a Filarmónica da Radio France, a Radio Filharmonisch Orkest, as orquestras das rádios de Estugarda, Colónia, Frankfurt e Turim, e com muitas outras formações de relevo em Itália, Espanha e Portugal. Entre os seus parceiros regulares estão ensembles de destaque: Klangforum Wien, Ensemble Modern, Ensemble intercontemporain, Collegium Novum Zurich e Ensemble Contrechamps, entre outros.

É fundador do Ensemble Risognanze, com o qual interpreta obras-primas de música de câmara, de Debussy aos nossos dias, e com o qual já gravou vários CD. A sua extensa discografia encontra-se editada pela Sony, Kairos, Col legno e Stradivarius, e inclui discos premiados com o Diapason d'or, o Midem Classical Award e o Choc du Monde de la Musique.

Natural de Milão, Tito Ceccherini estudou piano, composição e direção de orquestra na sua cidade natal, no Conservatório Giuseppe Verdi, tendo depois prosseguido os estudos em São Petersburgo, Estugarda e Karlsruhe.

## Raúl da Costa piano

Raúl da Costa, pianista premiado em diversos concursos nacionais e internacionais, é desde muito novo presença recorrente nas salas mais emblemáticas do país. Tem tido igualmente grande sucesso nalguns dos maiores palcos ao nível internacional: Konzerthaus de Berlim, Palau de La Musica Catalana, Radio France, Academia Liszt de Budapeste e Philharmonie Essen são exemplos dos locais onde já esteve. Além da Europa, tocou nos Estados Unidos da América e na Ásia.

Nascido na Póvoa de Varzim, em 1993, iniciou os estudos musicais na sua terra natal. O trabalho que desenvolveu com o professor Álvaro Teixeira Lopes foi particularmente marcante na adolescência. Em 2011, começou os estudos superiores na Hochschule für Musik, Theater und Medien, em Hanôver, na classe dos reconhecidos professores Karl-Heinz Kämmerling e Bernd Goetzke, assim como de Kirill Gerstein na Hochschule für Musik Hanns Eisler de Berlim. Trabalhou também com mestres como Dmitri Bashkurov, Ferenc Rados, Daniel Barenboim, Manfred Eicher e Maria João Pires. Foi bolseiro da Yamaha Musical Foundation of Europe, da Yehudi Menuhin Live Music Now Foundation e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Com um vasto repertório que vai de Bach a Zimmerman, a música de câmara sempre ocupou um lugar importante na carreira do pianista, nomeadamente as colaborações com Anja Lechner, Sergei Nakariakov, Daniel Hope, Bruno Monsiegeon ou Matvey Demin. Fez a estreia de obras de compositores como Luiz Costa, Fernando Lopes-Graça, Eduardo Patriarca e Amílcar Vasques-Dias, e colaborou com compositores como Thomas Adès, Valentin Silvestrov e Brad Mehldau.

Aos 12 anos de idade fez a sua estreia com orquestra na Casa da Música e, desde então, tem partilhado o palco com maestros como Theodore Kuchar, Antonio Pirulli, Joseph Swensen, Stefan Blunier, Vladimir Lande, Vitaliy Protasov, Álvaro Albiach e Raphaël Oleg, com orquestras como a Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Gulbenkian, Sinfónica de Castilla y León, Filarmónica Janačák, Deutsches Kammerorchester Berlin, Orquestra Sinfónica do Estado da Sibéria, Folkwang Kammerorchester Essen e Orquestra Sinfónica de Antalya.

A interpretação de Raúl da Costa do Concerto para piano n.º 4 de Rachmaninoff foi editada em CD, com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, sob a direção de Stefan Blunier. Várias gravações ao vivo podem também ser encontradas em rádios como a NDR, a SWR e a Deutschlandfunk na Alemanha, a Radio France e a Antena 2, assim como nas plataformas da Deutsche Grammophon.

O pianista assumiu, em 2018, o cargo de diretor artístico do Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartett no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

**Violino I**

James Dahlgren  
Tünde Hadadi  
Emília Vanguelova  
Ianina Khmelik  
Vladimir Grinman  
Evandra Gonçalves  
Andras Burai  
Maria Kagan  
José Despujols  
Jorman Hernandez\*  
Joana Machado\*  
Mariana Cabral\*

**Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
José Paulo Jesus  
Pedro Rocha  
Mariana Costa  
Catarina Martins  
Paul Almond  
Karolina Andrzejczak  
Domingos Lopes  
Nikola Vasiljev  
Raquel Santos\*  
Pedro Carvalho\*

**Viola**

Pedro Meireles  
Hazel Veitch  
Emília Alves  
Luís Norberto Silva  
Biliana Chamlieva  
Anna Gonera  
Alexandre Aguiar\*  
Rita Barreto\*  
Rita Carreiras\*  
Maria Almeida\*

**Violoncelo**

Fernando Costa\*  
Feodor Kolpachnikov  
João Cunha  
Bruno Cardoso  
Michal Kiska  
Aaron Choi  
Sharon Kinder  
Tiago Mendes\*

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Tiago Pinto Ribeiro  
Joel Azevedo  
Nadia Choi  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer  
Angelina Rodrigues

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Margarida Martins\*  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Luís Silva  
Carlos Alves  
João Moreira  
Ricardo Alves\*

**Fagote**

David Harrison\*  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov

**Trompa**

Nuno Vaz  
Hugo Carneiro  
Eddy Tauber  
José Bernardo Silva  
Hugo Sousa  
José Nuno Teixeira\*

**Trompete**

Sérgio Pacheco  
Luís Granjo  
Ivan Crespo  
Rui Brito

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Rui Pedro Alves\*  
Nuno Martins

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*  
Pedro Góis\*

**Harpa**

Ilaria Vivan

**Piano/Celesta**

Jonathan Ayerst\*

\*instrumentistas convidados

**Operação Técnica****Iluminação**

Bruno Mendes

**Palco**

Alfredo Braga  
José Vilela  
Victor Resende

**Assistência de cena**

Moisés Campelo

## Próximos concertos

03 SÁBADO 22:00 SALA 2

### **Eu.Clides**

promotor: Match Attack

04 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

### **Banda Sinfónica Portuguesa: “Made in America”**

**Paulo Martins** direção musical

**Vitor Fernandes** clarinete

Obras de **Michael Daugherty, Frank Ticheli, Kevin Day e Omar Thomas**

05 SEGUNDA 21:00 SALA SUGGIA

### **Nitin Sawhney: Identity Tour**

promotor: Uguru

08 QUINTA 21:00 SALA 2

### **Ivan Šverko** acordeão

**Folefest**

Obras de **Petri Makkonen, Johann Sebastian Bach, Paavo Korpijaakko e Edvard Grieg**

08 QUINTA 21:30 CAFÉ

### **Mutu**

09 SEXTA 21:00 SALA 2

### **Future Jazz**

10 SÁBADO 21:00 SALA SUGGIA

### **Edmundo Inácio**

promotor: Contos da Praça

10 SÁBADO 21:00 SALA 2

### **Future Rocks**

11 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

### **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Fernando Marinho** direção musical

**Marta Menezes** piano

Obras de **Vianna da Motta/F. Freitas, L. Freitas Branco, E. Hallfter, C. Saint-Saëns, J. Coelho dos Santos/S. Azevedo, F. Lopes-Graça e J. Braga Santos**

15 QUINTA 21:30 CAFÉ

## **Must Be Blue**

17 SÁBADO 16:00 SALA 2

## **Vejam Bem**

serviço educativo · os nossos concertos

**Digitópia** conceção artística

**Beatriz Rola, Jorge Queijo, Óscar Rodrigues e Ricardo Vieira** interpretação

**Anilupa** filmes de animação

17 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

## **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Benjamin Reiners** direção musical

Obras de **John Williams, Erich Wolfgang, Henry Mancini, Elmar Bernstein,**

**Ennio Morricone e Nino Rota/J. Mauceri**

18 DOMINGO 21:30 SALA 2

## **Tóli César Machado: Noir**

20 TERÇA 19:30 SALA SUGGIA

## **O filme do Repórter X**

cine-concerto

**Remix Ensemble Casa da Música**

**Pedro Neves** direção musical

**Digitópia** eletrónica e projeção

**O Táxi 9297**

**Reinaldo Ferreira** (Repórter X) filme

**Igor C Silva** música (encomenda Casa da Música e Philharmonie du Luxembourg)

21 QUARTA 21:30 SALA SUGGIA

## **Tomatito & José Del Tomate**

promotor: Incubadora D'artes

22 QUINTA 21:30 SALA 2

## **Leonor Baldaque**

promotor: Bairro da Música

22 QUINTA 21:30 CAFÉ

## **Bela Noia**



APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

